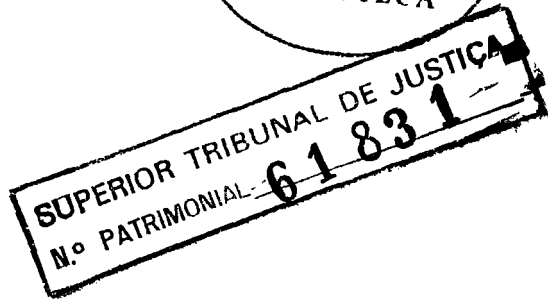


r
Din. Trib. Atual
n. 3
1983



DIREITO TRIBUTÁRIO

ATUAL Vol. 3

- QUATROCENTAS REUNIÕES DE ESTUDOS
- ICM. ISENÇÕES. CONVÊNIOS
- TRATADOS INTERNACIONAIS E O IOF
- REAVALIAÇÃO DE IMÓVEL E ISENÇÃO DO IR
- BALANÇOS, EXERCÍCIO FINANCEIRO, ORTN's. O IR PODE SER RETROATIVO ?
- REFORMA TRIBUTARIA. EXAME DA PROPOSTA DE ELIMINAÇÃO DO IR DA PESSOA JURÍDICA
- EMPRÉSTIMOS ENTRE EMPRESAS
- A LEI TRIBUTÁRIA E OS LIMITES DE INTEGRAÇÃO

ANEXO: GOETHE INTERPRETADO POR SAUER:
HOUVE INFRAÇÃO DO CONTRATO ENTRE FAUSTO E O DIABO ?

- ÍNDICE ALFABÉTICO-REMISSIVO

A N E X O

O CONTRATO ENTRE FAUSTO E O DIABO.
OCORREU, OU NÃO, INFRAÇÃO CONTRATUAL ?
VIDE A DECISÃO DIVINA SOBRE O "MÉRITO".

- A VIDA E A PROCURA DOS VALORES.
- A LETRA DO CONTRATO E A INTENCIONALIDADE DAS PARTES.

RUY BARBOSA NOGUEIRA

Henry Lichtenberger, Professor da Faculdade de Letras de Paris, na introdução de 98 páginas que antepôs à sua notável tradução francesa do primeiro e do segundo Fausto de Goethe, em 3 volumes, publicando-a cuidadosamente pelo sistema bilíngüe, com os textos do original e da tradução em paralelo, que tanto ajudam o leitor na compreensão de ambos os textos⁽¹⁾, a inicia com estas palavras:

"Fausto é, sem nenhuma espécie de dúvida, a confissão, a mais genial e a mais profunda que Goethe nos doou, a obra mestra em que resume da maneira a mais expressiva, a sua vida, o seu pensamento, toda a sua personalidade".

(1) Editions Montaigne, Fernand Aubier, Editeur, 13, Quai de Conti, Paris.

Se a leitura e a compreensão dos textos sublimados do Fausto de Goethe são difíceis aos próprios autóctones da língua alemã, não são pelo seu "höchst deutsch", mas pela profundidade da temática são realmente alcançada pelos Goethólogos, entretanto com o auxílio de traduções em tantos idiomas e sobretudo a través das suas interpretações literárias, teatrais e musicais, hoje também tão difundidas pelos instrumentos da técnica eletrônica, podemos, até certo ponto, participar desses conhecimentos em torno da problemática humana e do aperfeiçoamento espiritual, cada vez mais necessário ao homem enquanto são e, mais ainda, para alcançar a melhor intencionalidade na relação com seus semelhantes.

Obras como as de Sócrates, Platão, Aristóteles, Kant; Homero, Sófocles, Eurípedes, Dante, Shakespeare, Molière, Goethe, Camões; Bach, Mozart, Beethoven; Newton ou Einstein, são evidentemente difíceis aos próprios iniciados ou hoje especialistas, precisamente porque são obras de gênios que abrem caminhos e muitas vezes somente são compreendidas muito depois.

Neste último sentido e, apenas como

exemplos, Bach no "temperamento" do Cravo sō foi muito mais tarde entendido e explicado a travēs da matemática pelos físicos, hoje engenheiros de som (cfr. Musiciens Poètes, Adolphe Boschot, Librairie Plon, Paris, 1937: A propos du "Clavicin Temperé" et du "Temperament", pág. 189 e segs.), Mozart até hoje não foi ultrapassado na polifonia. E o universo de Einstein na extensão espacial do homem ?

Relembrando os conselhos de Alexis Carrel (L'HOMME CET INCONNU e RÉFLEXIONS SUR LA CONDUITE DE LA VIE) voltemos ao nosso assunto - a extensão espiritual do homem - ao Fausto de Goethe.

Desejamos apenas nos referir a uma interpretação jusfilosófica da temática sobre a procedência ou improcedência do protesto do diabo contra o que ele não pode entender e acusou como inadimplemento do contrato feito com Fausto na presença de Deus. Para Mefistófeles houve infração contratual; fora ferido seu "direito adquirido"; Deus teria sido conivente porque admitira a liberdade contratual e ele diabo como parte não tinha agora sequer Tribunal a que pedir justiça ou reparação da ofensa de seu direito.

Quid juris ?

A magnífica interpretação do Jusfilósofo Wilhelm Sauer, que afinal damos em tradução, socorre-se ainda da encenação teatral, dos recursos da música. Lendo a sua interpretação em paralelo com a audição do primeiro e do segundo Fausto na encenação dirigida e participada por Gründgens, ator que até hoje talvez tenha sido o melhor intérprete da personagem de Mefistófeles no Fausto de Goethe, bem nos convencemos dessa magnífica interpretação e explicitação de Sauer que encontramos às págs. 605 e seqs., da sua grande obra sobre a metodologia jurídica (JURISTISCHE METHODENLEHRE publicada em 1940, Ferdinand Enke Verlag, Stuttgart, Neudruck 1970, Scientia Verlag Aalen).

Por falar em tradução, em seu ensaio sobre os diferentes métodos de traduzir (Über die verschiedene Methoden des Übersetzen), ensina o doce teólogo Schleiermacher que a tradução pode levar a linguagem do autor ao leitor, mas que a melhor tradução é aquela capaz de trazer o leitor à linguagem do autor. O grande filósofo espanhol Ortega y Gasset adverte que a tradução não é a obra, é ape-

nas um caminho em direção à obra original. Ajude-nos, pois, o leitor, com a contribuição de sua inteligência, cultura, imaginação e, sobretudo, emoção do belo, para captarmos não só o conteúdo dos momentos mais expressivos até chegarmos a compreender a técnica e a arte atingidas nos contrastes das concretudes da bi, tri e quadridimensionalidade e vermos afinal que Goethe, pela explicação de Sauer, aponta-nos também as escalas da maldade, da bondade e da divindade.

Eis o trabalho de Sauer, sobre a interpretação do Fausto de Goethe:

"Existem problemas literários, cuja superação tem sido tentada, com sucesso bastante variado, mas que podem receber uma solução surpreendentemente simples e quase natural, quando forem examinados sob aqueles critérios rigorosamente metodológicos em que se baseiam todas as grandes criações espirituais.

Se for permitido examinar e interpretar num âmbito restrito a maior obra do maior poeta alemão em relação à sua problemática tantas vezes tratada, será justamente neste

exame que o método das ciências humanas se mostrará tão natural, tão necessário organicamente, que se poderá chegar até à idéia de que ele foi desenvolvido diretamente naquela obra, como se tivesse sido copiado dela, como, aliás, a filosofia de vida revelada na poesia do Fausto serviu de exemplo e orientação para muitos filósofos posteriores.

Na verdade, é somente um paralelo natural entre as criações da Arte Superior, de orientação metafísica, e as ciências humanas; ambas procuram, com seus meios radicalmente diversos, apresentar a vida como valiosa e dirigida à eternidade.

Será que, assim sendo, um método das ciências humanas, elaborado de acordo com os mesmos critérios, não é indicado para esclarecer supostas contradições e trechos obscuros numa obra de arte ?

A harmonia artística e as leis científicas não se baseiam na mesma unidade metodológica ?

Sabidamente os intérpretes viram no contrato entre Fausto e Mefistófeles um tema

básico da poesia do Fausto.

A filosofia de vida de Fausto soa paradoxo: a minha vida deverá ser perdida quando, em algum momento, eu chegar a afirmá-la e isto nunca acontecerá: "se eu disser ao momento, permaneça pois! Tu és tão lindo! Daí poderás prender-me com as correntes, porque nesse momento eu quero perecer". E Fausto aposta que nunca na vida ele falaria assim. Esta aposta é ganha por Mefistófeles, porque Fausto chega efetivamente a falar isto.

Mesmo assim, Mefistófeles não recebe o prêmio. Fausto vai para o Céu.

E o diabo, por isso, sente-se enganado e ludibriado: "quem me propicia meu direito adquirido" ?

Será que aqui há uma falha de Justiça na dramaturgia ?

Nisto reside um problema muito discutido.

A solução deve ser procurada na seguinte direção: Mefistófeles só consegue pen

sar "bidimensionalmente"; Fausto pensa "tridimensionalmente"; e Deus tem a visão de tudo "quadridimensionalmente".

Mefistófeles vê e vive somente a vida e, em segundo lugar, ele a pensa agudamente em formas e conceitos externos, de maneira racional exagerada, à moda do diabo. Ele vê e reconhece somente o cumprimento formal do contrato, enquanto Fausto, de fato, afirma a vida e ao mesmo tempo a perde.

Por isso, resta ao diabo e ao seu reino o mundo terreno, somente o casco externo de Fausto, somente seu cadáver, somente o ser sensorial (somente os corporais que restaram do homem).

No entanto, metafisicamente é afirmado o anseio de Fausto para alcançar valores em que se baseia a vida, o que Mefistófeles não pode compreender porque seu reino é somente deste mundo ou seja, é somente este mundo.

A solução não pode ser outra. Pois quando Fausto quer prender o momento da vida, isto não mais é vida, porque a vida é aspira

ção, mas também inquietação, paralisação e morte.

Meta e sentido da vida não podem residir na vida, mas somente além da vida, ultrapassando a vida. Com a afirmação da vida esta deixa de ser uma vida cheia de sentido como anseio permanente de ultrapassar a vida.

Metafísicamente, portanto, a ânsia de Fausto para alcançar os valores se afirma para além da vida; isto se realiza naquela forma poética, incomparavelmente bela, de uma reprise musical com um "crescendo" gigantesco, alcançando a eternidade: "Queria dizer ao momento: permaneça, voce é tão belo! O rastro dos meus dias na terra (isto é, minha busca de valores) não perecerá nos "Aoenen" (isto é, a busca de valores tornar-se-á elemento essencial da eternidade, mostrar-se-á, portanto, "Monaden" de valor; os "Aoenen" são objetivamente mais ou menos equivalentes aos "Monaden"). Neste "momento" Fausto vive o "momento mais elevado" e morre. E "os anjos sobem ao céu, levando o imortal de Fausto".

A justificação reside no seguinte :

"Quem sempre se esforçou, procurando progredir, pode ser salvo por nós". E com isto, como diz o coro final, o "acontecimento imperfeito", isto é, o inacabado de todo fenômeno da vida transforma-se numa realização perene do ser, em valor da eternidade.

A aparente contradição explica-se, pois, metodologicamente, da seguinte forma:

No reino dos fatos da vida, Mefistófeles ganha a aposta, mas no reino dos valores ganha Fausto. Pois Fausto adquiriu um direito à eternidade; porque ele passou por todos os reinos da vida, por todos os degraus da cultura, por todos os países e tempos, por todas as épocas da história, natureza e estado, arte e religião, ciência e economia, tendo, nisto, resistido, internamente, isto é, pelo fato de continuar sempre sua busca de valores, a três tentações: na tragédia de Gretchen, na tragédia grega e na tragédia do soberano ou do poder.

Vence, portanto, a justiça.

Mas ela vence também perante o diabo, porém, dentro de um ponto de vista superior

ao da própria visão de Fausto, ou seja, dentro da quarta dimensão da visão divina.

Tanto assim que o diabo ainda fez uma segunda aposta, perante o Senhor, no "Prólogo, no Céu". E esta aposta ele diabo a perdeu.

Deus lhe deu livre ação na terra ("Pois bem, fica-lhe entregue, veja se pode tirar esse espírito de sua fonte original").

Deus o onisciente, naturalmente faz o prognóstico certo; o diabo nunca o conseguiria, porque "um homem bom, na sua ânsia obscura, é bem consciente do caminho certo". E somente um homem bom pode realizar algo positivo na profissão de sua vida, seja como artista, como pesquisador, como funcionário, como juiz, como professor e assim por diante.

No entanto, esta busca terrena de valores continua na eternidade: "se eleva a círculos mais altos, continua crescendo imperceptivelmente".

De cada grau de perfeição que se alcança neste tempo, na terra, passar-se-á a-

diante na outra vida: a eternidade não conhece nenhuma paralisação. E como existem os mais variados graus na natureza (no interlúdio, existe o título melancólico: "dia cinzento, campo", até às alturas iluminadas das montanhas e assim por diante) também a eternidade conhece "uma região profunda, uma intermediária" etc. e nela vivem "anjos mais novos, anjos mais perfeitos", "penitentes", "jovens em estado de graça".

Por isso a luta de Fausto pela imortalidade se purifica somente de forma paulatina; e a decisão é tomada no último círculo, sendo que Goethe retoma um motivo de Dante, ao qual pertence a antiga amada de sua juventude, como penitente perdoada: decidido pelo "eternamente feminino", como símbolo do amor divino. Mas também, a verdade e a justiça somente amadurecem em degraus. Na sua perfeição, verdade e justiça somente se encontram em Deus e elas são Deus.

Na sua grande obra se perfaz maravilhosamente a unidade poética: no "Prólogo, no Céu", o Deus onisciente profetizou a verdade e pôs ao homem a justiça como tarefa infinita; e, no fim, vencem a verdade e a justiça

no reino da eternidade, conquistado pelo espírito do ser humano, perante Deus e em Deus.

A harmonia poeticamente estruturada se une, pois, a coincidência dos valores metafisicamente vividos.

A grande poesia do mundo não poderia ter encontrado em outra unidade cósmica mais maravilhosa, a sua perfeição".